

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
14 e 25 de fevereiro de 2022

THE SNOWS OF KILIMANJARO / 1952

(As Neves do Kilimanjaro)

um filme de Henry King

Realização: Henry King / **Argumento:** Casey Robinson, segundo o conto homónimo de Ernest Hemingway / **Fotografia:** Leon Shamroy / **Direcção Artística:** Lyle Wheeler, John De Cuir / **Música:** Bernard Herrmann / **Montagem:** Barbara McLean / **Intérpretes:** Gregory Peck (Harry), Susan Hayward (Helen), Ava Gardner (Cynthia), Hildegard Neff (Condessa Liz), Leo G. Carroll (Tio Bill), Torin Thatcher (Johnson), Ava Norring (Beatrice), Helene Stanley (Connie); Marcel Dalio (Emile), Vincente Gomez (guitarrista), Richard Allan (dançarino espanhol), Leonard Carey (Dr. Simmons), Paul Thompson (feiticeiro), Emmett Smith (Molo), Victor Wood (Charles).

Produção: Darryl F. Zanuck, para a 20th Century Fox / **Cópia:** 35mm, cor, com legendas electrónicas em português / **Duração:** 113 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, a 18 de Agosto de 1952 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, a 12 de Outubro de 1953.

Das três adaptações que o produtor e argumentista Casey Robinson fez de obras de Ernest Hemingway, **The Snows of Kilimanjaro** foi a última. As anteriores foram **The Macomber Affair/A Mulher e a Selva** (1946), realizado por Zoltan Korda, e **Under My Skin/O Amor de Um Vencido** (1950), de Jean Negulesco. Se se chama a atenção para o facto é porque nenhuma outra adaptação de qualquer dos romances de Hemingway terá sido tão fiel ao espírito das obras e aos problemas dos personagens, os seus debates internos e as acções que praticaram. Repare-se que estes filmes adaptam apenas contos (**Under My Skin**, segundo **My Old Man**) ou pequenas novelas: **The Macomber Affair** que transporta para o ecrã a história **The Short Happy Life of Francis Macomber** e **The Snows...** segundo a pequena novela homónima. Em comparação com as fontes de inspiração, **The Macomber Affair** é considerada geralmente como a adaptação mais "fiel" a uma obra do escritor. A romantização que o argumentista introduz, de acordo com as necessidades da produção comercial, são poucas, evitando mesmo, à tangente, o "happy end". Como é frequente nas relações de escritores americanos com o cinema, Hemingway terá olhado um pouco desdenhosamente para o filme. O mesmo aconteceu com **The Snows of Kilimanjaro**, a que o escritor se referia com **The Snows of Zanuck**. O que, de certo modo, não estava totalmente errado porque se Robinson foi também o produtor deste filme, não teve qualquer crédito no genérico como tal, porque, no fim de contas, o trabalho foi inteiramente dominado por Zanuck (como, aliás, era costume com este último grande produtor da era clássica de Hollywood, na linha de Thalberg e Selznick). Inclusive o muito citado final, em "happy end" apontado com frequência como uma das muitas "grandes" traições às fontes literárias, foi uma imposição de Zanuck que considerava que a morte de Harry Steele seria negativa do ponto de vista comercial (com razão, pois **The Snows of Kilimanjaro** foi, da forma como está, um dos seus grandes êxitos de bilheteira). Casey Robinson, no primeiro

argumento que escreveu fazia o personagem morrer tal como no conto, tendo-o alterado por ordem de Zanuck.

No seu conjunto **The Snows of Kilimanjaro** não me parece ser assim tão "infiel". Vejo-o, mesmo apesar desse final, como uma das adaptações mais fiéis ao "espírito" de Hemingway. Aliás o escritor acabou por concordar com isto mesmo de forma "inconsciente" ao declarar, depois de ter visto o resultado da adaptação que "vendi ao senhor Zanuck um conto e não as minhas obras completas". De facto Robinson para alargar a série de reflexões e pensamentos de Harry Steele moribundo conta a sua vida numa série de "flash-backs" para onde conflui muito do material escrito por Hemingway ao longo da sua vida. Se os romances do escritor são vincadamente auto-biográficos, Robinson traça-lhe o que se pode considerar uma verdadeira "biografia". De certo modo **The Snows of Kilimanjaro** poderia bem chamar-se **The Life, the Loves and Adventures of Ernest Hemingway**. Deste ponto de vista o "happy end" está perfeitamente justificado, não tanto porque Hemingway estivesse vivo na altura, mas porque surge como um processo de maturidade e de ultrapassagem de uma crise tanto de vida como de escrita. Personagem e escritor confundem-se pois a "salvação" de Harry Steele, vem encontrar eco num Hemingway mais sereno, Prémio Nobel num futuro próximo e que ainda irá dar dentro em pouco um dos seus grandes romances (talvez mesmo a sua obra prima) **The Old Man and the Sea**. Por outro lado, o argumento de Robinson é uma espécie de miscelânea de outros romances (e experiências) de Hemingway, desde a sequência de "juventude", vinda dos contos de Nick Adams (alter ego do escritor), passando por **The Sun Also Rises**, indo buscar a própria cena das touradas em Pamplona (que o mesmo Henry King retomaria na adaptação desta obra), e o clima de boémia de Paris e da sua "geração perdida" (que Robinson vai utilizar como título para o primeiro romance de Steele, que corresponde a **The Sun Also Rises** de Hemingway). A Espanha da guerra civil e de **For Whom the Bell Tolls** está também presente numa breve sequência, que acumula também referências a **A Farewell to Arms**, em particular com a pungente cena da morte de Cynthia com as ambulâncias e a "deserção" de Harry correndo atrás de Cynthia de que resulta ser baleado. Finalmente o argumentista retoma o seu trabalho feito a partir de **The Short Happy Life of Francis Macomber** para as sequências africanas.

O resultado, não sendo perfeito, é extremamente logrado. O filme consegue reproduzir o clima e o espírito da obra de Hemingway, e as "imagens" que um leitor nela possa ter criado. Além disso os valores de produção ajudaram também bastante a alcançar o objectivo, e como é costume é geralmente neste ponto que maiores críticas se fazem a estas adaptações, por parte de uma crítica, marcada pelo romantismo, que identifica obra-prima com "miserabilismo" (doença que então estava na moda devido ao sucesso do "neo-realismo" italiano). Seja como for o trabalho de fotografia de Leon Shamroy cria um ambiente entre mágico e melancólico, épico e trágico e a música de Bernard Herrmann corre de sequência para sequência estabelecendo fabulosos records sonoros com os flash-backs. O trabalho de Henry King é rigoroso no seu classicismo e entre os intérpretes encontra-se aquela que foi considerada o arquétipo da "mulher hemingwayiana": Ava Gardner, que se revela também uma notável actriz, que logo a seguir teria a confirmação na nomeação para o Óscar que lhe deu o seu trabalho (também em África) em **Mogambo** de John Ford.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico

Manuel Cintra Ferreira